



*Imágen de Yágul, 1973*

© The Estate of Ana Mendieta Collection, LLC. Licensed by Artist Rights Society (ARS), New York / DACS, 2026 / Courtesy Marian Goodman Gallery and Alison Jacques, London

## ANA MENDIETA: terra, fogo e o corpo que se recusa a desaparecer

Há exposições que terminam quando saímos do museu. Outras continuam trabalhando dentro de nós, como uma imagem difícil de esquecer. Foi essa a sensação que tive ao visitar a retrospectiva de Ana Mendieta na Tate Modern.

O mais curioso é que quase nada do que está ali existe mais. As silhuetas desenhadas na terra desapareceram com a chuva; os corpos feitos de flores, folhas e lama foram lentamente absorvidos pela paisagem; as marcas deixadas pelo fogo nos troncos das árvores car-

regam a memória de algo que já terminou. O que resta são fotografias, filmes e registros de ações efêmeras, realizadas décadas atrás. Mesmo assim, poucas exposições me deram uma sensação tão intensa de presença. Talvez essa seja a grande contradição da obra de Mendieta: ela criou uma arte sobre desaparecimento que continua insistindo em permanecer.

A retrospectiva da Tate Modern não tenta transformar Ana Mendieta em uma artista de objetos permanentes. Pelo contrário, respeita a natureza transitória do seu trabalho. Organizada de forma temática, a exposição percorre diferentes territórios simbólicos explorados pela artista: *a Caverna, o Bosque, o Rio, os Terrenos*



*Untitled – Silueta Series, 1977*

© The Estate of Ana Mendieta Collection, LLC. Licensed by Artist Rights Society (ARS), New York / DACS, 2026 / Courtesy Marian Goodman Gallery and Alison Jacques, London

*Sagrados e, finalmente, o Limiar.* Em vez de seguir uma narrativa linear de vida e carreira, a montagem cria um movimento circular, no qual as mesmas questões retornam continuamente: terra, corpo, exílio, espiritualidade e transformação. Ao caminhar pelas salas, tive a impressão de entrar menos em uma retrospectiva tradicional e mais em um espaço construído pela própria linguagem da artista.

Ana Mendieta nasceu em Havana em 1948, em uma família pertencente à elite cubana. Sua vida mudou radicalmente quando, aos doze anos, ela e sua irmã Raquelín foram enviadas aos Estados Unidos como parte da *Operação Peter Pan*, que levou milhares de crianças cubanas para fora do país após a Revolução Cubana.

Essa ruptura marcou profundamente sua relação com identidade e pertencimento; porém Mendieta nunca tratou o exílio apenas como um tema a ser representado. Ele tornou-se uma condição existencial e uma

*Untitled – Silueta Series, 1976*

© The Estate of Ana Mendieta Collection, LLC. Licensed by Artist Rights Society (ARS), New York / DACS, 2026 / Courtesy Marian Goodman Gallery and Alison Jacques, London



força criativa. Em uma de suas frases mais conhecidas, descreveu a sensação de ter sido “*expulsa do útero*” – e via sua arte como uma tentativa de reconstruir uma ligação perdida com a terra e com o universo. Essa busca está no centro da série mais conhecida da artista, *Silueta*, criada entre 1973 e 1980.

Nessas obras, Mendieta utilizava o próprio corpo como medida, presença e ausência. Criava formas humanas na paisagem usando terra, flores, folhas, sangue, fogo, pólvora e outros materiais naturais. Algumas vezes seu corpo aparecia diretamente; em outras, restava apenas sua marca, uma espécie de memória física deixada no ambiente. O corpo estava presente justamente através daquilo que desapareceria.



Foi essa a ideia que mais me acompanhou durante a visita. Mendieta não parecia interessada em criar uma imagem estável de si mesma. Pelo contrário; seu trabalho questionava a própria permanência do corpo. O que sobra de uma pessoa quando ela parte? Como uma ausência pode se tornar uma presença?

Diante de *Imagen de Yágul* (1973), uma das obras mais conhecidas da série, essa sensação se torna quase impossível de ignorar. Na fotografia, realizada em Oaxaca, no México, Mendieta aparece nua dentro de uma antiga tumba mesoamericana, coberta por flores brancas que escondem seu rosto. A imagem parece existir entre dois mundos: sepultamento e nascimento, desaparecimento e renovação.

Há algo profundamente inquietante nessa cena. O corpo parece entregue à terra, mas ao mesmo tempo cheio de energia. Ela não está simplesmente representando a morte; está explorando uma transformação. Essa ideia de transformação atravessa toda a exposição. A natureza, para Mendieta, nunca foi apenas um cenário. Terra, água, fogo e plantas eram elementos ativos, quase colaboradores de sua prática. Sua visão era influenciada pelas tradições espirituais cubanas, especialmente pela *Santería*, além de referências indígenas *taínas* e imagens católicas presentes em sua formação cultural.

O sangue, por exemplo, aparece em sua obra não apenas como uma imagem de violência, mas como sím-

#### *Untitled*, 1984

© The Estate of Ana Mendieta Collection, LLC. Licensed by Artist Rights Society (ARS), New York / DACS, 2026 / Courtesy Marian Goodman Gallery and Alison Jacques, London



*La Jungla (Totem Grove)*

Foto: Reprodução / Frame vídeo Tate Modern

bolo ambíguo de vida, morte e energia espiritual. Em trabalhos realizados nos anos 1970, Mendieta usou sangue animal para confrontar a violência contra as mulheres e a vulnerabilidade do corpo feminino. Essas obras tinham uma força perturbadora, porque obrigavam o espectador a olhar para aquilo que normalmente prefere ignorar.

Em uma de suas intervenções, *Moffitt Building Piece*, derramou sangue na calçada de um prédio e observou a reação dos transeuntes. Alguns paravam, outros olhavam curiosos, mas ninguém parecia agir. A obra revelava uma espécie de anestesia coletiva diante da violência.

O fogo também ocupa um lugar fundamental em sua linguagem. Nas obras em que uma silhueta é incendia-

da, ou em que a pólvora transforma madeira e paisagem, o fogo aparece simultaneamente como destruição e renovação. Ele apaga, mas também revela. Queima, mas transforma. Essa relação entre criação e destruição torna-se ainda mais significativa quando pensamos na trajetória da própria artista.

Em 1983, Mendieta recebeu uma bolsa da *American Academy in Rome*. Foi uma mudança decisiva: até então, ela nunca havia tido um estúdio próprio. Em Roma encontrou uma liberdade nova para desenvolver sua prática escultórica. Longe das limitações que havia enfrentado nos Estados Unidos, pôde experimentar com materiais, espaço e escala.

As esculturas realizadas nesse período mostram uma artista em plena transformação. Entre elas estão as

obras feitas a partir de troncos de árvores, reunidas posteriormente sob o título *La Jungla (Totem Grove)*. Esses trabalhos parecem continuar sua investigação sobre a relação entre corpo e natureza: formas que lembram objetos ancestrais, mas que também parecem organismos vivos.

A exposição da Tate consegue mostrar esse momento tardio sem reduzir Mendieta à tragédia de sua morte. Esse é um dos seus maiores méritos.

É impossível ignorar que Mendieta morreu em Nova York em 1985, aos 36 anos, em circunstâncias violentas. Sua morte, e a controvérsia que a envolveu, muitas vezes ameaçaram dominar a maneira como sua obra é vista. A escolha curatorial da Tate é resistir a essa leitura única. A exposição permite que a artista seja vista primeiro como artista: complexa, experimental, espiritual e profundamente original.

A montagem temática reforça essa decisão. Como explicou a curadoria, a obra de Mendieta não funciona como uma linha reta; seus temas retornam constantemente. A artista transforma-se em diferentes formas: mulher, árvore, animal, terra. Nada permanece fixo.

Essa é a ideia que encerra a exposição, na seção chamada *Threshold*: a transformação como uma possibilidade permanente. Para Mendieta, a existência não era uma condição estável, mas um processo contínuo de mudança.



*La Venus Concha*, 1982

Foto: Reprodução / Frame vídeo Tate Modern

Ao sair da Tate Modern, fiquei pensando que talvez a força da obra de Ana Mendieta esteja justamente em sua recusa de desaparecer completamente. Ela nos deixa apenas vestígios, mas esses vestígios são suficientes para reconstruir uma presença.

Seu trabalho fala de exílio, mas também de pertencimento. Fala de perda, mas também de renascimento. Fala de um corpo vulnerável, mas também de um corpo capaz de criar novas formas de existir.

Mais do que uma exposição sobre uma artista do passado, a retrospectiva parece uma conversa com questões muito atuais: como carregamos nossas origens quando somos separados delas? Como encontramos lugar no mundo? Como podemos nos transformar sem perder aquilo que somos?





Frida Kahlo

Foto: Guillermo Kahlo, Sotheby's, Domínio público



Ana Mendieta

Foto: Reprodução / Britannica



Tracey Emin

Foto: Piers Allardyce / Wikipédia

Ana Mendieta desaparecia dentro da paisagem para mostrar que nunca desaparecemos completamente. Parte de nós permanece na terra, na memória e nas marcas que deixamos pelo caminho.

### UM CAFÉ IMPOSSÍVEL NA TATE MODERN

Durante minha visita à Tate Modern, uma imagem começou a se formar na minha cabeça. Não era uma obra exposta nem uma fotografia. Era uma conversa. Imaginei Frida Kahlo, Ana Mendieta e Tracey Emin sentadas diante da grande janela do *Members Room* da Tate, tomando café enquanto observavam o Tâmis. A cena era impossível. Frida morreu em 1954. Ana Mendieta, em 1985. Apenas Tracey Emin poderia realmente estar ali. E, no entanto, por alguns instantes, aquele encontro pareceu perfeitamente natural.

A própria Tate havia criado essa possibilidade. Em salas diferentes, o museu aproxima três artistas que nunca se conheceram, mas que parecem responder às mesmas inquietações. Vindas de épocas, países e histórias distintas, todas fizeram do corpo um lugar de memória. As três se recusaram a separar vida e obra, transformaram dor, identidade, deslocamento, desejo e vulnerabilidade em algo capaz de dialogar com qualquer pessoa.

Enquanto caminhava pelas galerias, pensei que talvez elas não falassem sobre suas obras, mas sobre as perguntas que as levaram a criá-las. Na minha imaginação, Frida foi a primeira a romper o silêncio.

— *Ana, sempre me intrigou uma coisa. Você faz o corpo desaparecer justamente quando parece tê-lo encontrado. Por quê?*

Ana observa o movimento lento do rio antes de responder.  
— *Porque eu nunca procurei representar um corpo. Procurei um lugar ao qual ele pudesse pertencer.*

Tracey inclina-se para a frente.

— *Eu fiz quase o contrário. Quanto mais expunha o meu corpo, mais ele deixava de ser meu. Virava uma imagem pública. Uma interpretação. Às vezes, um escândalo.*

Frida sorri.

— *Engraçado... todo mundo quer saber o que aconteceu conosco. Quase ninguém pergunta o que fizemos com aquilo que aconteceu.*

— *Confundem a obra com a biografia* — diz Ana.

— *Talvez porque ainda achem que uma mulher fala apenas de si quando fala de si* — responde Tracey. —

*Como se a experiência pessoal não pudesse produzir pensamento.*

O café chega à mesa. Por alguns instantes, nenhuma das três fala. Frida quebra o silêncio.

— *Existe alguma obra verdadeiramente autobiográfica?*

Ana balança a cabeça.

— *Não. No instante em que escolhemos uma imagem, um material ou um gesto, a experiência já começou a se transformar.*

— *Em quê?* — pergunta Tracey.

— *Em linguagem.*

Tracey permanece pensativa.

— *Talvez seja por isso que o público faz sempre a pergunta errada. Quer saber se aconteceu. Nós queremos saber o que aquilo significa.*

Frida acompanha um barco cruzando o Tâmis.

— *O acontecimento termina. A arte começa depois.*

Ana pousa delicadamente a xícara.

— *O que permanece não é a memória.*

Frida olha para ela.

— *O que permanece, então?*

— *O vestígio.*

— *Existe diferença?*

Ana sorri.

— *A memória pertence a quem viveu. O vestígio começa a pertencer a quem o encontra.*

Tracey devolve o sorriso.

— *Talvez seja essa a única ambição possível para uma obra de arte: continuar encontrando alguém, muito depois de nós.*

Naturalmente, essa conversa nunca aconteceu. Mas saí da Tate Modern convencida de que ela continua acontecendo sempre que aproximamos artistas capazes de transformar experiências individuais em questões universais.

Frida Kahlo, Ana Mendieta e Tracey Emin escolheram linguagens muito diferentes. O que as une não é a autobiografia – mas a capacidade de converter a experiência em pensamento, e o pensamento em arte.

Quando deixei o museu, olhei mais uma vez para o Tâmis e pensei que talvez uma obra de arte não seja aquilo que permanece intacto, mas aquilo que continua produzindo sentido muito depois de ter sido criada.

No fim, aquilo que deixamos no mundo não precisa permanecer inteiro para continuar existindo. Basta deixar um vestígio que alguém, um dia, possa encontrar.

## SERVIÇO

### Ana Mendieta

Até 17 de janeiro de 2027

Tate Modern

Bankside, London SE1 9TG

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/ana-mendieta>



Exposição *Ana Mendieta* na Tate Modern

Foto: Reprodução / Frame vídeo Tate Modern